

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N936 Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-378-1

DOI 10.22533/at.ed.781200909

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
2. Tecnologias. I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Vivemos um mundo de velocidade e transformações. Algumas são pequenas e cotidianas, mas seus impactos são amplos. Como um celular, que hoje nos conecta a todo momento do dia, por exemplo. Ou a realidade da globalização da cultura e dos problemas sociais.

Existe uma relação direta entre os espaços de produção do conhecimento nas ciências humanas e a constituição de uma racionalidade científica sobre a realidade social, seus problemas e espaços. É ponto pacífico, pela própria fluidez de nossa relação com o tempo e com o “estudo dos homens no tempo”, para usar uma expressão de Marc Bloch (2002, p. 55), que o conhecimento e a racionalidade não têm uma natureza linear e única, mas antes têm como base uma multiplicidade de possibilidades. Isso porque, nossa relação com o conhecimento é fundada na proximidade constante de experiências, na compreensão que são as questões do presente o grande títere do passado enquanto um espaço gerador de sentido para as diferentes vivências. Esse dinamismo inerente ao saber histórico traz consigo a multiplicidade de narrativas e construções presentes e ativas na sociedade.

Assim, na reflexão sobre o conhecimento, sua natureza e o espaço que ocupa em sociedade há um espaço importante a ser ocupado: o espaço de “auto-reflexão, como retorno ao processo cognitivo de um sujeito cognoscente que se reconhece reflexivamente nos objetos de seu conhecimento, suas fontes, suas possibilidades e suas tecnologias. Assim, as transformações e velocidades do mundo, dos objetos e do real, também dialogam com a produção da pesquisa, do trabalho com as fontes e as possibilidades de conhecimento que se abrem e se apresentam.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O IMPACTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA IDENTIDADE DOCENTE	
Bárbara Regina Gonçalves Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.7812009091	
CAPÍTULO 2	15
PORQUE INCLUIR O QUE ESTÁ FORA DOS CONTEÚDOS DISCIPLINARES? ESTAMOS FALANDO DE MÚSICA!	
Flavia de Oliveira Barreto	
Fleudya Benigno Lopes Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.7812009092	
CAPÍTULO 3	28
A INFLUÊNCIA DAS <i>SELFIES</i> NO PROCESSO IDENTITÁRIO DE JOVENS E ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA DE PORTÃO / RS	
Daiane Fontes	
Jaqueline da Silva Torres Cardoso	
Sandra Maria Costa dos Passos Colling	
DOI 10.22533/at.ed.7812009093	
CAPÍTULO 4	40
PERFIL SOCIAL E PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE URUÇUI - PIAUÍ	
Rute Sousa do Nascimento	
Anna Walléria Borges de Araújo	
Iago Costa de Oliveira	
Marcílio Macêdo Vieira	
Miguel Antonio Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.7812009094	
CAPÍTULO 5	52
MARCOS REGULATÓRIOS DA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO BRASIL	
Mirian Rocha de Almeida	
Luís Alberto Lourenço de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.7812009095	
CAPÍTULO 6	78
APRENDIZAJE COMPLEJO MEDIADO POR TIC PARA ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS VENEZOLANOS	
Hebert Elias Lobo Sosa	
Ana Carolina Pacheco Millán	
Jesús Ramón Briceño Barrios	
Manuel Antonio Villarreal Uzcátegui	
DOI 10.22533/at.ed.7812009096	

CAPÍTULO 7	97
O CAP-UERJ E AS IMPRESSÕES VISUAIS NO ENSINO DE ARTE	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.7812009097	
CAPÍTULO 8	109
CONHECER PARA ATUAR, ATUAR PARA CONHECER: PELOS INDÍCIOS DE UMA CIÊNCIA SOCIAL POPULAR E MOBILIZADA	
William Bueno Rebouças	
DOI 10.22533/at.ed.7812009098	
CAPÍTULO 9	128
REZADEIRAS, ERVEIRAS E PARTEIRAS DO CARIRI: TECENDO PRÁTICAS DE CURA-NAScer NA AMÉRICA LATINA	
Nayara de Lima Monteiro	
Luciana Patrícia Zucco	
DOI 10.22533/at.ed.7812009099	
CAPÍTULO 10	144
(DES)SUBALTERNIZAR O “BRASILEIRO NATIVO” NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DOS CURRAIS: CRÍTICA AO EUROCENTRISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
João Batista de Almeida Costa	
DOI 10.22533/at.ed.78120090910	
CAPÍTULO 11	158
MISS GAY – CONSTRUINDO IMAGINÁRIOS SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA-MG	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini	
José Serafim Bertoloto	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
Sílvia Mara Davies	
DOI 10.22533/at.ed.78120090911	
CAPÍTULO 12	163
GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: A INTERSECÇÃO TEORIA-PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Ketlenn Franciellen Oliveira de Lima	
Maysa Araújo Rodrigues	
Monique Kelly dos Santos Nascimento	
Maria Cinéria dos Santos Viana	
Mairianne Pereira de Moraes	
Cristiane Maria Alves Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78120090912	

CAPÍTULO 13..... 173

**IMPLICAÇÕES DO PRECONCEITO E HOMOFOBIA CONTRA POPULAÇÃO
LGBT+ NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Tamires Alves Dias
Josefa Iara Alves Bezerra
Stéffane Costa Mendes
Caroline da Silva Souza
Daiana de Freitas Pinheiro
Mariana Cordeiro da Silva
Milena Silva Ferreira
Teodoro Marcelino da Silva
Andreza Vitor da Silva
Antonio Wellington Vieira Mendes
Kadson Araujo da Silva
Samara Calixto Gomes

DOI 10.22533/at.ed.78120090913

CAPÍTULO 14..... 179

**O ENCONTRO DE HOMOSSEXUAIS MILITANTES (1979) E AS BANDEIRAS DA
PRIMEIRA ONDA DO MOVIMENTO LGBTI+ NO BRASIL**

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto
Eliane Martins de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.78120090914

CAPÍTULO 15..... 193

**FASCISMO E COMUNISMO NO BRASIL DE 2018: O EMPREGO DE CONCEITOS
EXTREMOS NO PAPEL DA LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO**

Vinicius Ribeiro Sampaio
Felipe Sampaio de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.78120090915

CAPÍTULO 16..... 200

A NOVA ROUPAGEM DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Beatriz Leal de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.78120090916

CAPÍTULO 17..... 213

**DEPRESSÃO, RESILIÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E
COMPENSAÇÃO: UM ESTUDO COM IDOSOS DO MUNICÍPIO DE IVOTI/RS**

Camila Koren Chiappini
Anna Regina Grings Barcelos
Andrea Varisco Dani
Raquel Maria Rossi Wosiack
Martina Dillenburg Scur
Geraldine Alves dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.78120090917

CAPÍTULO 18.....	222
AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE ANTIOXIDANTE E FENÓIS TOTAIS EM CERVEJAS ARTESANAIS COMERCIALIZADAS EM SOBRAL-CE	
Murilo Sérgio da Silva Julião	
Letícia Kelly Mesquita Rodrigues	
Lúcia Betânia da Silva Andrade	
Hélcio Silva Santos	
Alexandre Magno Rodrigues Teixeira	
Leopoldo Gondim Neto	
DOI 10.22533/at.ed.78120090918	
CAPÍTULO 19.....	237
O TURISMO NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUNICÍPIO DE ROSÁRIO DO SUL	
Janderlei Velasque Dal Osto	
Lucas Mauricio Willecker dos Santos	
Bruno Ribeiro de Oliveira	
Rafael Dezordi	
DOI 10.22533/at.ed.78120090919	
CAPÍTULO 20.....	249
DIREITO PENAL DO INIMIGO NO ÂMBITO DA PRISÃO PREVENTIVA	
Carlos Eduardo Monteiro de Paiva	
Alexandre Pinto Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78120090920	
CAPÍTULO 21.....	258
DISCURSOS VISUAIS QUE O GRAFITE REVELA NA/DA CULTURA CONTEMPORÂNEA	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
José Serafim Bertoloto	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Sílvia Mara Davies	
DOI 10.22533/at.ed.78120090921	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	276
ÍNDICE REMISSIVO.....	277

CAPÍTULO 9

REZADEIRAS, ERVEIRAS E PARTEIRAS DO CARIRI: TECENDO PRÁTICAS DE CURA-NASCER NA AMÉRICA LATINA

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 05/06/2020

Nayara de Lima Monteiro

Universidade Federal de Santa Catarina –
UFSC
Florianópolis – SC
<http://lattes.cnpq.br/1501494757130591>

Luciana Patrícia Zucco

Universidade Federal de Santa Catarina –
UFSC
Florianópolis – SC
<http://lattes.cnpq.br/5494246499102942>

RESUMO: Este trabalho aborda os saberes e práticas das rezadeiras, erveiras e parteiras como conhecimentos resistentes à colonização que passou o Cariri cearense, recorte territorial desse processo que aconteceu em toda Abya Yala. O foco é dado às mulheres mantenedoras desses saberes, apresentando suas subjetividades específicas. A decolonialidade foi o viés de análise na releitura desse contexto, pelos recortes de gênero, raça, classe, bem como de cosmovisões e do local de enunciação desses saberes. O capítulo de livro ora proposto deriva de uma pesquisa realizada nas cidades de Brejo Santo e Juazeiro do Norte, Ceará, nordeste brasileiro, em âmbito da pós-graduação *lato sensu*. Porém, essa pesquisa continua em aprofundamento no doutorado, do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa

Catarina (PPGICH/UFSC). A metodologia aplicada esteve permeada pelo diálogo de métodos e técnicas pensadas a partir das Epistemologias do Sul (metodologias outras) e de audiovisual para abraçar as memórias e vivências contadas por essas mulheres com forte tradição oral de repassar saberes de geração a geração.

PALAVRAS-CHAVE: Rezadeiras, Erveiras, Parteiras, Cariri cearense, Decolonialidade.

HEALERS, HERBALISTS AND MIDWIVES FROM CARIRI: THE YARN OF LATIN AMERICAN HEALING-BIRTH PRACTICES

ABSTRACT: This paper approaches the knowledge and practices of healers, herbalists and midwives as resistant to the colonization that passed the Cariri Cearense, territorial outline of this process that happened throughout Abya Yala. The focus will be given to women who maintain this knowledge presenting their specific subjectivities. Decoloniality will be the bias of analysis in the rereading of this context, by the cuts of gender, race, class, worldviews and the place of enunciation of this knowledge. The article now proposed derives, therefore, from a research completed and carried out in the cities of Brejo Santo and Juazeiro do Norte, Ceará, northeastern Brazil at the *lato sensu* postgraduate level. However, this research is still under constant review and deepening. The applied methodology was permeated by the dialogue of methods and techniques thought from Southern Epistemologies (other methodologies) and audiovisual to embrace the memories and experiences told by these women with strong oral

tradition of passing on knowledge from generation to generation.

KEYWORDS: Healers, Herbalists, Midwives, Decoloniality, Cariri cearense.

1 | ENCONTRO COM O TEMA: ENTRE PLANTAS, VOZES E CORPOS

A presente discussão é oriunda do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da pós-graduação *lato sensu* em Arqueologia Social Inclusiva, defendido pela autora em maio de 2019, na Fundação Casa Grande - Memorial Homem Kariri, em parceria com a Universidade Regional do Cariri (URCA), em Nova Olinda, Ceará (CE), de 2017 a 2018. Foram analisadas as vivências etnográficas de quatro rezadeiras da zona rural de Brejo Santo-CE, situada no Cariri. Dona Maria, Dona Carminha, Dona Francisca e Dona Socorro foram entrevistadas, assim como a erveira Dona Maria, em Juazeiro do Norte-CE. Além das entrevistas semi-estruturadas, realizadas no período de outubro a dezembro de 2018, as mulheres que integraram o estudo foram acompanhados em seu ofício, através da observação por três meses. Os dados resultaram, ainda, na produção de um audiovisual chamado “Saberes da Terra”, lançado em setembro de 2019, na comunidade das rezadeiras, em Fazenda Canafístola, zona rural da cidade de Brejo Santo.

O cenário de coleta de dados foi o Cariri cearense, localizado na Chapada do Araripe, sul do Ceará. A região é marcada pelos registros históricos de povos originários, como os Kariri, e possui tradições que projetam a diversidade e complexidade de sua dinâmica social. Ademais, o Cariri cearense inspira a criatividade humana ritualizada, através de manifestações culturais, como as celebrações religiosas e populares, e os ofícios das erveiras, rezadeiras, parteiras tradicionais, reizados e cordelistas, além das poetisas do sertão nordestino.

Este lugar fez parte da trajetória de vida da autora, que mantém uma relação estreita com a localidade, e a levou a ter contato, desde muito cedo, com o universo da cura, das rezas e do uso das plantas medicinais. Por isso, a identificação com os saberes mencionados, associada à aproximação aos estudos decoloniais (DUSSEL, 2005; LUGONES, 2014; MIÑOSO, 2009) no âmbito da Universidade. Tais experiências promoveram a curiosidade acadêmica, bem como as escolhas pelo recorte temático e pelas sujeitas da pesquisa. Além de serem mulheres que marcaram a infância e estão presentes no convívio pessoal da autora, são responsáveis pela cultura popular da cura, através dos rezos e plantas medicinais.

A parteria tradicional foi resultado desse percurso e, particularmente, do encontro com o livro “*Pariremos con placer*”, da autora Casilda Rodríguez Bustos (2010). Nele, a autora aborda o parto como um processo fisiológico do corpo feminino, e problematiza como as sociedades do Paleolítico e Neolítico do território, hoje considerado Europa, deixam de ser matrilineares e passam a servir à lógica

patriarcal de dominação.

Nesse sentido, o parto é desassociado da sexualidade feminina e da potência para a produção do desejo e do amor nos corpos da mulher e da criança, em sintonia gaiática, ou seja, em sintonia com a vida, com um modo de interrelações cooperativas, reduzindo-se à produção e reprodução das sociedades. Afetada por essa leitura, passados alguns anos, a autora fez uma formação de “doulas tradicionais”, mediada pela parteira Samara Simões, do espaço “Roda Semear”, no Juazeiro do Norte – CE. Essa formação possibilitou o contato mais de perto com o universo do parto fisiológico em casa, sem intervenções, com auxílio dos rezos, plantas e elementos da natureza no momento de parir.

Cabe destacar que a estrutura da pesquisa teve como eixo as vozes e saberes das rezadeiras e erveira (CARVALHO, 2018), considerando a epistemologia feminista como possibilidade de investigação crítica da lógica machista e colonial, bem como de visibilidade da realidade local das mulheres e suas experiências (SALGADO, 2008). Integrou essa construção uma revisão bibliográfica de livros e afins (virtuais e impressos) sobre a temática, referenciada pelos estudos decoloniais latino-americanos.

Os resultados apontaram que o gênero, a espiritualidade, a raça e o lugar de enunciação desses saberes foram demarcando o protagonismo das mulheres entrevistadas para sua (re)existência e, mesmo com todo o poder da matriz colonial operando, as experiências e conhecimentos das mulheres sujeitas desta pesquisa sobrevivem e resistem.

2 | É POSSÍVEL O CONHECIMENTO CIENTÍFICO SER DIALÓGICO COM OS SABERES TRADICIONAIS ANCESTRAIS?

Rezar em outras pessoas, conhecer as propriedades das plantas, auxiliar as mulheres a parir são práticas ancestrais que se originam pela experiência dos grupos sociais presentes em um meio, em certa cultura, com certas sociabilidades, sendo comunicadas em redes variadas nas relações desse meio. A comunicação pode ser a partir da transmissão oral desses saberes de geração a geração, pela observação da prática de tais ofícios, pelo dom divino que “Deus dá” ou o “chamado” para os ofícios.

Tais saberes e práticas estão presentes em diversas localidades, como nos Andes chilenos, no México, nas terras guaranis e dos povos amazônicos, no Cariri cearense, nos pampas gaúchos no Brasil, na Argentina e no Uruguai, territórios de Abya Yala, que na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento, e é sinônimo de América. É utilizada como uma autodesignação dos povos originários do continente, objetivando construir um sentimento de unidade

e pertencimento (CELENTANI, 2014). Embora haja particularidades em função das regiões e interações com outros povos, das raças e etnias, e dos aspectos culturais, há, igualmente, um núcleo semelhante que os interconecta na grande teia de territorialidades, saberes, ofícios, memórias, povos originários, tradicionais, identidades, gênero, espaço-tempo-dimensões.

O Cariri, em específico, apresenta uma riqueza de manifestações culturais, expressões, celebrações, saberes e fazeres, com destaque aos rezos, à arte do partejar e aos conhecimentos sobre as propriedades curativas das plantas. E é em torno da figura da mulher campesina, originária (ou descendente direta), afrodescendente, quilombola, agricultora, ou que mora nas periferias urbanas, que se mantem o fio tecedor dessas práticas de cura.

Em 2018, problematizando o universo de estudo, alguns questionamentos surgem para auxiliar na vivência e leitura desses saberes, a partir do labor científico iniciado: Por que o gênero demarca o protagonismo na manutenção, (re) existência dos saberes-ofícios da reza, do partejar e da cura através das ervas? Como os recortes de raça e lugar de enunciação desses saberes podem auxiliar no entendimento da sua preservação? Como tais conhecimentos de saber-fazer contribuem na reconstrução e fortalecimento de uma identidade latino-americana?

As perguntas foram os primeiros guias a orientar as leituras sobre a temática e a ida ao campo com o olhar atento de pesquisadora, associadas às experiências pessoais com o universo das rezadeiras, dos cházinhos curadores e acalmadores. Contudo, a interação e troca com as rezadeiras e erveiras transbordaram informações, saberes, aprendizados, que ampliaram, sobremaneira, as respostas aos questionamentos que balizaram o estudo. Com as parteiras, a experiência deste universo está em processo de aproximação e é motivo de investigação do doutorado.

As experiências, os conhecimentos e a própria existência das mulheres escolhidas para serem protagonistas da pesquisa fazem parte do universo do outro lado da linha abissal (SANTOS, 2007). São saberes que sobrevivem e resistem há séculos, mesmo com toda a vigência do Poder da Matriz Colonial. As subjetividades que estas sujeitas carregam consigo foram subalternizadas pela face colonial desse paradigma, composto pelo tripé da colonialidade (saber, poder, ser). Mas, ao mesmo tempo, essas subjetividades decolonizam esse panorama, e é aqui que reside a potência dessa pesquisa, pois, em conjunto com as mulheres, projeta suas existências.

As rezadeiras são “canais de cura para os males da alma”. Para se curar, a pessoa que requisita tal reza “tem que ter fé”. Elas, as rezadeiras, acreditam que antes dos males formarem morada no corpo físico, estes já estão nos corpos sutis (alma ou espírito). As parteiras, por sua vez, são o elo entre os mundos físico e espiritual. Houve um tempo em que partejar era trabalho valorizado. Ser parteira

exige tempo e dedicação, pois não há agendamento de partos, segue-se o fluxo da vida, sendo um dos ofícios mais ultrajado dos três aqui abordados.

O parto é outro estágio de maturação da sexualidade feminina, fato que a moderna medicina obstétrica, como formadora da grande Matriz Colonial, usou a ciência para controlá-la, assim como os corpos e o ser femininos (BUSTOS, 2010; EHRENREICH; ENGLISH, 2017). As erveiras são mulheres que detêm conhecimentos sobre as propriedades das plantas para curar alguma doença ou mal-estar físicos. São mulheres amigas das plantas e profundamente ligadas a estas. Seus saberes são relevantes a ponto de o próprio Estado brasileiro reconhecer como política pública de saúde o manejo dos fitoterápicos e das plantas medicinais para tratamentos de doenças, segundo a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC), instituída pela Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006 (BRASIL, 2006).

O paradigma da Modernidade, inaugurado no século XV por Espanha e Portugal, no continente latino-americano, traz consigo a face da Colonialidade. Esse paradigma estava e continua assentado nas necessidades da dominação capitalista imperial e na colonialidade, com o auxílio de outros sistemas de dominação, como o patriarcado e o racismo (MALDONADO-TORRES, 2007). Segundo Enrique Dussel (2005), a América Latina foi o laboratório para engendrar vida à Matriz Colonial, e serviu de teste para o racismo a serviço do colonialismo, além de ser o continente fundacional deste e, portanto, da modernidade. Para tanto, a Matriz Colonial estruturou-se em três grandes pilares: colonialidades do poder, do saber e do ser.

É mais especificamente com as colonialidades do saber e do ser que caminhamos para nos aproximar e projetar a realidade das mulheres, pois aí estão postos os recortes de validade de conhecimentos, o lugar de enunciação de fala e as subjetividades de raça e gênero das parteiras, erveiras e rezadeiras caririenses. Ademais, consideramos como entendimento conceitual que a matriz colonial do poder é uma estrutura complexa de níveis entrelaçados, controlando a economia, a natureza e os recursos naturais, o gênero, a sexualidade, o conhecimento e as subjetividades, centralizando, com isso, a autoridade (MALDONADO-TORRES, 2007).

Como horizonte para uma outra leitura e atuação de vida mais coerente e integral, é que se chega ao campo dos estudos decoloniais latino-americanos (DUSSEL, 2005; LUGONES, 2014; MIÑOSO, 2009). A decolonialidade aparece como o terceiro elemento da modernidade/colonialidade. Deriva do “Giro decolonial”, que significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico a essa lógica dual (DUSSEL, 2005).

Nesse sentido, nos atemos aos saberes e práticas ancestrais protagonizados por um gênero definido, racializado, com classe social demarcada e com enunciação

do local da fala, desde o Sul do Mundo, no Cariri cearense. Estes saberes estão imbricados numa existência resistente à “primeira modernidade” e às outras que se deram ao longo desses séculos (LUGONES, 2014). Logo, estão de alguma maneira em tensão com tal lógica, por estarem localizados no “universo do outro lado da linha abissal” (SANTOS, 2007); isso não quer dizer que sejam pré-modernas, embora sejam, em alguma medida, “não modernas”.

Porém, são conhecimentos, valores, práticas culturais, ecológicas, espirituais constituídas em oposição à lógica imperial, ocidental, hierárquica, conformadora do paradigma modernidade/colonialidade, que resume a vida em categorias estanques e duais: negro/branco; homem/mulher; corpo/razão; barbárie/civilização. As práticas e saberes ancestrais são *per si* decoloniais, ainda que com o passar dos séculos pontos coloniais interajam e continuem existindo, como, por exemplo, a devoção aos santos do catolicismo pelas rezadeiras.

Outro aspecto que demonstra a relevância de pôr em diálogo o conhecimento científico e os saberes e ofícios, aqui denominados de decoloniais, é que se aproximam em diferentes momentos. Estes últimos apresentam a potencialidade em abordar o/a humano/a na sua integralidade, pois se trata de dimensões humanas que vão além da razão. De modo geral, a Modernidade fragmenta e especializa não apenas os conhecimentos e corpos, mas a vida e suas relações.

O respeito às tradições é o principal pilar no qual se sustentam as mulheres que praticam a medicina curativa e os benzimentos ou rezas. As tradições promovem o resgate das memórias, a valorização e a manutenção da cultura popular na (re) existência das subjetividades decoloniais dessas mulheres, denominadas “Otras Modernidades”, como assinala Celestani (2014). Os estudos decoloniais e as Epistemologias do Sul são posturas, antes de tudo, de vida e de estar no mundo, que tem sido materializadas também no âmbito das Instituições de Ensino Superior ao redor do Sul do Global. Tal leitura fundamenta este trabalho teórico-prático, que a projeta, assim como o compromisso e a ética em construir relações decoloniais desde a Academia. A intenção é, portanto, fortalecer tais estudos na Universidade e junto à comunidade, no caso das mulheres sujeitas da pesquisa, bem como a identidade latino-americana construída pelas lutas resistentes das mulheres nas suas diversas frentes, política, artística, intelectual, etc.

O “giro decolonial”, em diálogo com a noção de transmodernidade de Dussel (2005), vem auxiliar a pensar e vivenciar tais saberes e práticas como parte da própria decolonialidade, apoiando a existência-resistência desses ofícios a partir das mulheres. O conceito de transmodernidade de Dussel (2005) pretende evidenciar que a modernidade não é um fenômeno meramente intraeuropeu, mas constituído pela sua face oculta: a colonialidade. É esse lado oculto que Santos (2010) chama de “o outro lado da linha abissal”, que desenvolveu o mundo periférico colonial. Aqui

reside também a contribuição das Epistemologias do Sul:

(...) son el reclamo de nuevos procesos de producción, de valorización de conocimientos válidos, científicos y no científicos, y de nuevas relaciones entre diferentes tipos de conocimiento, a partir de las prácticas de las clases y grupos sociales que han sufrido, de manera sistemática, destrucción, opresión y discriminación causadas por el capitalismo, el colonialismo y todas las naturalizaciones de la desigualdad en las que se han desdoblado; (...) el racismo, al sexismo, el individualismo, lo material por encima de lo espiritual y todos los demás monocultivos de la mente y de la sociedad –económicos, políticos y culturales– que intentan bloquear la imaginación emancipadora y sacrificar las alternativas (SANTOS, 2010, p.16) (grifo nosso).

As erveiras, parteiras e rezadeiras estão no Cariri cearense e no nordeste brasileiro, marcado pelos registros históricos de grupos de povos originários, dentre eles os Kariri, Potyguara, Pataxó, e Tapeba. Quando o colonizador português começa a expandir o colonialismo desde a Metrópole, iniciam-se as disputas por essas terras férteis no final do século XVII. O nome “Cariri” foi herdado desses(as) nativos(as) submetidos(as) à catequização no século XVIII. Assim, incorpora-se o sentido mítico-ancestral ao conceito de lugar de onde se enuncia a fala, pelo sentimento de representatividade, de valentia e resistência dos Kariri neste território, contra o colonizador e todo seu formato de vida imposto contra esse povo (LIMAVERDE, 2015).

Os fatores ambientais e vestígios arqueológicos sugerem que a escolha do habitat humano na região aconteceu desde épocas muito antigas. Supõe-se que essa integração ocorreu porque o ambiente da Chapada do Araripe é refletida na cultura local, sendo o Cariri considerado o berço da cultura cearense, inspirando com maior intensidade a criatividade humana, que é ritualizada através de inúmeras manifestações culturais, expressões, celebrações, saberes e fazeres, como os das parteiras, erveiras e rezadeiras (FIGUEIREDO FILHO, 2010). O Cariri é uma riqueza em patrimônio imaterial, mestre da cultura popular, das manifestações artísticas e dos movimentos de arte popular e contemporânea, sendo marcado pelos movimentos messiânicos do mítico Padre Cícero Romão Batista e da experiência comunitária-mística do Caldeirão do Beato José Lourenço (século XIX) (LIMAVERDE, 2015).

Por fim, os estudos do “feminismo decolonial e descoloniais” de Lugones (2014), associados à “colonialidade de gênero” e aos aportes mais pedagógico-cultural de Walsh (2009), além da discussão de identidade de Gargallo (2014) e de raça de Segato (2007), auxiliaram na fundamentação da escolha teórico-prática. Tais leituras propõem uma reconstrução da história que acolha respeito radical a valores, metas e perspectivas culturais diferentes, e esforço por parte dos povos em retomar os fios de suas tramas históricas abandonadas. A superação de um paradigma

global da Modernidade em “Nuestra América” acontecerá ao se reconhecer e narrar a multiplicidade de ideias e histórias que a constituem, valorizando as contradições e as transformações das práticas da Abya Yala.

3 I REZOS, CHÁS, PARTERIA E ENCONTROS DECOLONIZADOS

No dia 23 de outubro de 2018, as coisas, fatos, situações e pessoas foram se sintonizando de uma forma que levou a autora a Brejo Santo-CE, praticamente onde foi criada. Juntamente com um colega (Adjedan) de curso da especialização em Arqueologia Social Inclusiva, visitaram a área de ocupação indígena, provavelmente dos Kariri, na cidade mencionada. Jorravam cacos de tigelas nas estradinhas. Adjedan explicou muita coisa e, por acaso, encontramos o pessoal do Instituto de Arqueologia do Cariri, conectado à Fundação Casa Grande, que tinha ido sondar a mesma área para trabalhar os resquícios arqueológicos do local. Eu senti como um “deixe fluir a vida” que tudo vai se encaixando. Esse amigo também coincidentemente conhecia meu avô, um dos proprietários da fazenda onde as rezadeiras moram. Depois da explicação de Adjedan, peguei uma moto para a fazenda e fui filmando o cenário, a estrada e senti saudade de vovô, sentindo sua presença. A sensação que tinha era que ele estava ainda vivo e que os anos não tinham passado, desde seu falecimento.

Chegando na Fazenda, parei na casa de Dona Paula e fui sentando no chão, tirando as comidas que tinha comprado da mochila, sendo bem recepcionada. As meninas, Carmem, Luísa, Ópera e Ticianá, me recepcionaram bem, me senti em casa, como quando era criança. Fui dizendo o porquê de ter ido, todas eram erveiras e sabiam que desejava indicações de rezadeiras ou parteiras, que conheciam. Era hora do almoço e continuei sentindo o clima da casa. Todas as mulheres, sem exceção, serviram os homens. Eles, assim como crianças, pediram para “botarem o dicumê”, “cadê minha toalha?”, “preparar o café”, “ligar a TV”... servindo os que estavam doentes. Todas e todos de prontidão. Uma solidariedade mútua, que às vezes parece submissão, mas me pergunto: e se o feminino for isso também? Está tudo bem? Continuo refletindo e observando para entender melhor esse cuidado “sem limites”, aparentemente apenas das mulheres. Em tempo: todos/as votaram em Haddad e todos/as estavam em oração pelo clima político do momento.

Depois Carmem aproxima-se e começa a conversar sobre os rezadores que ela já foi para levar o nome do irmão alcoolista para rezar e ajudar na cura do “vício”. Ela relata sobre os santos que vê nos altares dos rezadores e diz: “tem uma santa das águas, rainha das águas com uns cabelão”. Eu digo: “lemanjá?”, ela responde: “é”. Me acabei na gaitada e ela também, como quem encontra alegria no conforto para compartilhar o segredo da magia da mãe das águas. Senti como uma

introdução sobre o poder da reza, da oração como canal de acessar outros planos para ajudar quem está aqui nesta dimensão da matéria, pesquisando ou vivendo simplesmente.

Dormi profundo e quando acordei, tomei café e fui pensar nas frases, perguntas para o roteiro das entrevistas. Pari estas:

1) Nome, lugar de nascimento, lugar de nascimento dos pais, dados pessoais, outros.

2) Pais e mães rezadores(rezadeiras)? Avós e Avôs?

3) Como começou a prática de rezar em outras pessoas? E o conhecimento sobre as ervas e seus usos?

4) Há quanto tempo pratica o ofício?

5) As práticas são mais femininas, realizadas por mulheres?

6) É cobrado o ofício? É muito procurado?

Enquanto isso, chegava no meu celular a mensagem de um amigo que estava de viagem no Pará, perguntando o seguinte: “será que Dona Betinha não quer uma planta da floresta pra curar algo nela?” Esta foi a melhor confirmação para que seguisse com a pesquisa.

A primeira entrevista foi feita com Dona Maria, moradora da Fazenda Canafistola, no mesmo dia, pela tarde e noite, e foi regida pela força da lua cheia. Já nesse primeiro momento, foi sendo percebido como o ofício da reza está permeado pelo sincretismo religioso, de crenças e santos cristãos, e pelos elementos da natureza. A lua, a serpente, as plantas, a terra e o misticismo envolvendo estes símbolos estiveram presentes desde o começo de nossos diálogos. O saber da reza, para Dona Maria, foi repassado por sua avó e mãe, por meio da oralidade, na vivência do cotidiano e pelo “dom que Deus me deu”, segundo ela. Uma marca muito forte na sua fala foi a junção dos saberes da reza ou saber “cachimbeiro”, do uso das plantas como remédio para curar doenças no corpo físico, auxiliar mulheres no parto, com o saber científico médico. Ou seja, a consideração da horizontalidade dos saberes, ponto importante nos estudos decoloniais e das epistemologias do sul. Ademais, Dona Maria sempre esteve repetindo que é necessário que a pessoa que requeira a reza tenha “fé” e que ela é só um canal para a cura dos humanos. Ela foi a única das quatro rezadeiras que mencionou curar também os animais.

É com Dona Maria que logo temos a primeira menção da frase “pega a dente de cachorro”, presente nas narrativas de todas as rezadeiras, quando ela faz uma retrospectiva das mulheres de sua família, em relação à bisavó que foi “pega pelos índio a dente de cachorro” e que, logo depois, seu bisavô faz “sociedade com os índios e traz ela com doze anos pra morar com ele”. Os ascendentes de Dona Maria, provavelmente, eram de algum povo originário das terras do Cariri num passado não distante, pois ela até se contradiz em alguns momentos, deixando a entender que

na verdade seus bisavós eram índios e sua reza descende desse universo. Leva no seu sobrenome “Matos” um indício desse passado dos seus bisavô e avô que viviam “nos matos ... derrubou toda a mata da gameleira”, localidade perto dessa fazenda mencionada.

Dona Maria na sua narrativa traz outro elemento que nos faz conectar a esse universo passado dos habitantes originários dessas terras antes ou do período de colonização. Ela conta uma lenda sobre os índios terem “tapado uma barroquinha com ossos de ‘sariema’ ali no pé da serra, que fez com que a água nascesse lá na nascente do Baixio do Boi”, fazendo referência aos mitos e lendas dos Kariri bem conhecidos da nascente do rio Batateiras, no Crato-CE. “Se eles não tivessem feito isso, não teríamos água hoje em dia”, segundo Dona Maria. Tudo isso ela relata depois de falar de seus familiares que tinham relações com os índios. Dona Maria também já “pegou menino”, prática de parteiras tradicionais, e é “puxadora de ossos” ou “costura ossos quebrados”.

No dia seguinte, pela manhã, foi feita uma visita à Dona Carminha, rezadeira, sobrinha de Dona Maria, da família “dos Matos”, que vive em outra fazenda ao lado da Canafístola. Ela mencionou que aprendeu o ofício, como Dona Maria, observando sua mãe rezando cotidianamente nas pessoas que pediam por conta de algum mal-estar físico, espiritual e/ou mental. Dona Carminha prefere rezar em crianças, faz cura à distância e quando perguntada se normalmente ser rezadeira é algo mais atribuído às mulheres, ela diz que sim, mas que a força da reza só se mantém se você ensinar a outra pessoa que não for do mesmo sexo de quem ensina. Relata que os homens tem mais vergonha de abraçar o ofício, mas que ela tem muita afeição e carinho pelo dom que Deus lhe deu. Ensinou quais plantas e em quais condições estas estão melhores para fazer o rezo. Relatou, ainda, que a reza enfraquece se é aprendida por meio da escrita.

No período da tarde deste mesmo dia do encontro com Dona Carminha, fui encontrar com Dona Socorro, rezadeira, que vive há pouco mais de dois quilômetros das duas rezadeiras acima mencionadas, na localidade chamada “Deserto”, ainda zona rural de Brejo Santo-CE. Dona Socorro é sogra de um dos filhos de Dona Maria, demonstrando, assim, que existe um vínculo afetivo-familiar entre todas elas. Dona Socorro trouxe muitos pontos importantes sobre o universo dos rezos. Afirmou que a reza é forte se repassada de mulher para homem ou de homem para mulher, desconfirmando uma hipótese que eu tinha sobre esse saber ser repassado, em regra, de mulher para mulher. Ou seja, o universo das rezadeiras não é somente “feminino”, mas composto mais pelo “feminino”, culturalmente construído no corpo e papéis sociais endereçados ao ser mulher nestes tempos. Os homens é que, segundo ela, estão mais desconectados desse universo, por vergonha, falta de compromisso ou por acharem que ser rezador é “coisa de mulher”. Pergunto o

motivo disso e Dona Socorro crê que é porque “a mulher é mais paciente, mais calma”. Elemento que Dona Carminha também abordou em sua fala.

Dona Socorro aprendeu com a mãe a rezar e narra que desde quando estava na barriga da mãe, ela já era diferente, pois “chorou três vezes” quando ainda estava no útero materno. Esse universo de mitos é aprofundado quando ela relata que sua avó, mãe de sua mãe, foi “pegada a dente de cachorro”. Pergunto, então, se ela se considerava “índia ou cabôca”, e ela envergonhada refuta “eu mermo não”, rindo. Depois volta atrás e fala que muitas pessoas perguntam ou inferem que suas rezas são dos caboclos, dos índios, mas é notável que ela se afeta com as menções, elemento a se pensar em como a colonialidade violenta ainda exerce um apagamento desses povos e suas memórias. Se não fosse o sincretismo religioso, talvez, não existisse mais a prática dessas rezadeiras, já que todas em seu discurso mencionam as figuras dos santos, de Jesus Cristo e da Virgem Maria como guias para os seus rezos.

No dia seguinte, encontrei com a quarta rezadeira, Dona Francisca, que mora também na Fazenda Canafístola. Ela, diferente das rezadeiras mencionadas, aprendeu com a mãe do marido “pega a dente de cachorro”, descendente de indígena do estado da Paraíba, pois sempre levava seus filhos para serem curados com rezadeiras que moravam longe de sua casa. Disse que não sabe rezar muito, pois aprendeu já mais com uma idade avançada, mas reza em qualquer pessoa que pedir e em qualquer horário, ainda que seja indicado rezar até antes o sol se pôr.

Estando na cidade de Juazeiro do Norte, neste mesmo mês de outubro de 2018, fui encontrar com Dona Maria, erveira que compartilha seus conhecimentos no seu ponto comercial, ou banca, no Mercado Central nessa mesma cidade. Dona Maria tem afeição pelas plantas desde pequena. Filha de pai e mãe agricultores, desde criança já plantava horta em casa e foi aprendendo na vivência do seu entorno os usos medicinais de certas plantas. Seu pai, nos anos de 1980, começou a comercializar temperos e raízes em uma banca no Mercado Central e ela o auxiliava neste comércio. Ao mesmo tempo que aprendia com o pai, estudava em livros de medicina natural e plantas medicinais os saberes populares de cura com as plantas. Ela menciona que aprende muito também sobre esse universo trocando saberes com seus clientes. Demonstra ter uma conexão especial com as ervas e fala que não é correto comercializar as plantas pelo lucro somente. É necessário zelo e estudo, conexão com esse universo. Autodenomina-se erveira e não raizeira. No quintal de sua casa, contou que tem muitas plantas e que as ama. Ainda mencionou que “os homens não gostam muito de planta, não sabem cuidar delas, só sabem cortar e matar”.

Em relação ao universo da parteria tradicional, foi especificamente com a formação de doulas e o acompanhamento do trabalho junto à equipe de parto do

espaço “Roda Semear” localizado na cidade de Juazeiro do Norte-CE, composto pela parteira Samara Simões e as doulas Camyla Lavor, Ingrid Alidiane e Cicera Simone, que o interesse da pesquisa com essa temática desabrochou. Quando se fala em parteira tradicional ou parto natural, trata-se de uma retomada de uma tradição ancestral do processo de acompanhamento pré, durante e pós-parto, da própria vida da mulher e de todos/as os/as envolvidos/as. A parteira, além de auxiliar a mulher durante os nove meses de gestação e logo após parir, ela também apresenta papéis sociais nas suas localidades que vão além da arte do partejar ou que fazem parte do que é o universo do partejar. Parteiras são também líderes comunitárias, mães de santo, conselheiras dos conflitos nas suas comunidades, coveiras, vereadoras, rezadeiras, curandeiras, madrinhas das crianças que ajudam a vir ao mundo, grandes mestras da sabedoria da vida.

Contudo, a Modernidade e sua estrutura de controle dos corpos femininos e do trabalho das parteiras, por meio do mercado das cesárias e do conhecimento científico médico operando em conjunto, tem relegado a esse universo a tentativa de apagamento da cultura do parto natural em casa, ativando medos nas mulheres que escolhem engravidar, jogando com um discurso de segurança hospitalar necessária para o momento do parto e para que a criança nasça com vida. Em paralelo, criminaliza o importante papel das parteiras tradicionais nas suas comunidades, e, atualmente, impedem a atuação tão importante das doulas na contenção física e emocional da mulher no momento de parir. Aqui, o parto e a parteria não são questões de saúde em termos científicos, em primeiro plano, mas sim são questões de lidar com a potência da vida seguindo seu fluxo natural-fisiológico e que, ao mesmo tempo, crias e recriam laços de todos os tipos formando uma cultura da parteria tradicional ancestral com suas especificidades em cada lugar onde há mulher parindo e parteiras auxiliando a “aparar menino”.

É possível sentir um pouco dessas afirmações, neste relato a seguir de uma parteira tradicional da região do Cariri cearense:

‘Nossa tarefa é pesada’, exclama Maria do Socorro Oliveira, a Côca. Analfabeta, 62 anos, também prefere se manter afastada desse serviço que, como tantas alegrias, trouxe muitas dores de cabeça. ‘Na hora, chama tudo que é santo. Passou dali, é só tchau’. Tanto Merita quanto Côca concordam que, atualmente, o parto é melhor no hospital. O que se percebe é que o motivo para isso não é o fato de que, em casa, o parto seja perigoso; ao contrário, é só medo. Não é só querer trazer ao mundo, é ser corajoso o suficiente para isso. ‘Pegar a criança’, que é como elas costumam se referir ao momento, exige todo um processo: rezas, chás (quando e se necessário) e palavras de conforto. A oração para quando ocorre uma hemorragia, por exemplo, é simples e rápida, mas, segundo ela, é tiro e queda. *‘Suspense sangue na veia/ Como Jesus Cristo foi suspenso na Ceia’*. (PHILIPPE, 2015)

Com o intuito de avivar a memória das parteiras antigas e continuá-lo tendo como referência, assim como, tendo o autoconhecimento profundo do que é o parto e seu processo feito de forma natural, a parteira Samara lidera a equipe de parto do Roda Semear trazendo um novo formato da parteria tradicional para o espaço urbano. Todavia, ela não se desvincula da grande trama que encaminha esse universo que é dar apoio e suporte à mulher grávida, “é uma forma de vivenciar o parto de maneira amorosa, respeitosa e consciente”, segundo Samara. Da mesma forma que as parteiras tradicionais, Samara trabalha com o auxílio de chás, manobras, rezos, quando e se necessário.

Ela [*Samara*] fala que pode usar de artifícios como massagem, compressas quentes, rebozo e bola suíça para ajudar no processo, mas evita ao máximo intervenções. Samara conta que, caso a mãe e a criança precisem de uma intervenção não natural, são encaminhadas ao hospital. Mesmo tendo de recorrer ao reduto hospitalar, uma doula acompanha a gestante nesse processo. Vale salientar que o trabalho das doulas e das parteiras é diferente. A doula é uma acompanhante da grávida, desde a gestação até depois do parto. Ela presta assistência física e emocional à gestante, auxiliando no trabalho da parteira, com foco no bem-estar da mulher. Já a parteira é quem está a frente do processo, fazendo avaliações físicas da mãe e do bebê, e sendo a primeira a receber a criança quando ela nasce. Samara diz que a única ‘manobra’ da medicina hospitalar convencional que usa nos partos é a anestesia local para a costura do períneo, quando ele rasga-se naturalmente. ‘A gente estimula a autonomia da mulher’, diz ela a respeito do trabalho de parto. Ela ainda explica que apesar de a maioria das mulheres poderem ter seus filhos em casa, o critério é que seja uma gestação de baixo risco (Revista BADALO, 2018).

Relevante, então, mostra-se visibilizar tais narrativas e, quando possível, participar delas, seja como parteira, doula, mulher grávida que escolhe parir naturalmente em casa ou sua familiar, amiga. Isso tudo porque “a cultura começa no útero, é a cultura do primeiro território que habitamos e é o primeiro território que se defende. O útero tem uma bandeira de cor vermelha onde tudo pode ser diferente, tudo pode mudar. A revolução começa no útero” (parteira mapuche do Chile, María Quiñelen, 2019, Salvador-BA).

4 | TRAMAS DE CONTINUIDADE

Esses foram alguns relatos que compõem o universo das rezadeiras, parteiras e erveiras do Cariri e da América Latina. Por questões de limitação material e de tempo, o trabalho ficou restrito a essas mulheres, reafirmando a necessidade de releitura do contexto a partir de uma perspectiva decolonial. Esta possibilita situar a história passada e o presente das tramas do Cariri, por meio das narrativas das sujeitas, de suas experiências e crenças, bem como dos apontamentos de sua

racialidade com os povos originários e afrodescendentes da região.

Pela indicação inicial de existirem maior quantidade de rezadeiras e erveiras mulheres, e pelo compromisso político-pessoal na defesa da vida em plenitude das mulheres, escolhemos trabalhar com este gênero específico. Isso não significa que no decorrer do aprofundamento do estudo não será aberta a possibilidade de pesquisar a atividade masculina desse universo, já que três das rezadeiras disseram que a força componente do ofício é mais contundente se passado entre sexos-gêneros diferentes.

Outro ponto que saltou como importante no seguimento da pesquisa foi o de como o campo de estudos e vivências decoloniais está em construção e requer constante reflexão sobre como os saberes populares, materializados em ofícios e práticas culturais, podem ajudar a descolonizar a Universidade, e não somente a pesquisa científica. Os saberes mencionados, secularmente subalternizados pelo poder da Matriz colonial, nos trazem rupturas com o *modus operandi* cartesiano da ciência, auxiliando outras perspectivas que questionam esse tipo de ciência, como as epistemologias feministas e a educação popular freiriana. Esses saberes nos auxiliam a parir, reinventar um conhecimento científico que esteja e dialogue horizontalmente com os povos subalternizados, como os indígenas, os quilombolas, os ciganos, os ribeirinhos, os sertanejos, e os de terreiro.

Afirmamos, então, que são práticas e saberes que nos conectam a um passado antes do processo da colonização, e que resistem por estes séculos às colonialidades e, talvez, até utilizando destas como ferramentas para sua continuidade, como, por exemplo, a devoção aos santos do catolicismo pelas rezadeiras, sugerindo que o uso destes possa servir como estratégica de (re)existência. Essas práticas-saberes, com gênero específico na sua manutenção, racializados, resistentes a todo um processo histórico de colonização, com consequências para o momento atual, vem nos auxiliar a ver e viver a vida humana além do mental e racional.

Depois do lançamento do audiovisual “Saberes da terra”, em setembro de 2019, continuo no caminho de ser ponte entre o conhecimento acadêmico e os saberes populares. No dia do lançamento, vi que é possível. Falei algumas palavras, apresentei os motivos de estar ali, de produzir o audiovisual, da importância dos saberes de cura delas, e do diálogo que estava sendo empreendido, ao longo da pesquisa e naquele dia, com o conhecimento científico e com os saberes populares. Falei da lua e de sua sincronia, em particular da lua cheia, com as gravações e o lançamento também sob seus auspícios. O Vídeo começa com Dona Maria falando de São Jorge e da importância de pedir a benção à mãe Lua. Ogun estava comigo, abrindo meus caminhos e finalizando o ciclo do audiovisual.

Ademais, a experiência da autora como aprendiz de *doula* de uma equipe de parto domiciliar com parteira tradicional ajuda na retomada da prática desse

universo. O lado da subjetividade de quem pesquisa é fundamental para essa retomada, por isso se menciona que o campo de estudos decoloniais também é de vivência, já que se refere a um aprendizado e sentido do mundo não somente a partir do mental-analítico, mas, igualmente, do corpo e do espírito. Um trabalho complexo, porque requer criatividade e descolonização subjetiva, individual e coletiva a todo momento. Em última instância, o que se propõe com essa abordagem teórico-prática é uma reconstrução da história que acolha respeito radical às perspectivas culturais diferentes, e esforço por parte dos povos em retomar os fios de suas tramas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006.

BUSTOS, Casilda Rodrigáñez. **El Asalto al Hades** – La rebelión de Edipo: 1ª parte. 4ª edición, Imprenta Tamayo, 2010.

CARVALHO, José Jorge. Encontro de Saberes e descolonização. In: COSTA, Joaze Bernardino, TORRES, Nelson Maldonado, GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica, 2018, p. 79-106.

CELENTANI, Francesca Gargallo. **Feminismos desde Abya Yala**. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América. Ed: Corte y Confección, Ciudad de México, 2014.

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo**. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, setembro 2005. p. 55-70.

EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. **Bruxas, parteiras e enfermeiras: uma história das curandeiras**. The Feminist Press, 1973. Edição brasileira: Bruxaria Distro; Coletivo Feminista Nós Soltas; Editora Subta, 2017.

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **História do Cariri**. v.I. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

LIMAVERDE, Rosiane. **Arqueologia social inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe Nova Olinda, CE, Brasil**. Tese de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2015. Disponível em: Acesso em mai 2017.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista Estudos Feministas. 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>. Acesso em set 2018.

MALDONADO-TORRES, Nelson (2007). **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MIÑOSO, Yuderkis E. **Etnocentrismo y Colonialidad en los Feminismos Latinoamericanos: Complicidades y Consolidación de las Hegemonías Feministas en el Espacio Transnacional.** Venezuela: Revista Venezolana de Estudios de la Mujer, 2009.

PHILIPPE, Pedro. **O direito de nascer bem.** Revista Cariri. Publicado em 17 de junho de 2015. Disponível em:< <https://caririrevista.com.br/o-direito-de-nascer-bem-2/>>. Acesso em nov 19.

RATTS, Alex. **Traços Étnicos:** espacialidades e culturas negras e indígenas. Fortaleza: Museu Do Ceará: Secult: 2009.

Revista BADALO. Parto em casa: conforto ou antiquado? Publicado em 01 de dezembro de 2018 às 11:13. Disponível em: < <https://badalo.com.br/saude/parto-em-casa-conforto-ou-antiquado>>. Acesso em nov 19.

SALGADO, Martha Patricia Castañeda. **Metodología de la Investigación Feminista.** Fundación Guatemala. Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal:** das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estud. - CEBRAP no.79 São Paulo Nov. 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004>. Acesso em dez 2018.

SEGATO, Rita Laura. **La nación y sus otros.** Raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de Políticas de la Identidad, Prometeo libros, Buenos Aires, 2007.

QUIJANO, Anibal (2000). **Colonialidad del poder y clasificación social.** Journal of world-systems research, v. 11, n. 2, p. 342-386.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad:** Luchas (de) coloniales de nuestra época. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, : Quito, 2009. Disponível em: < <http://www.flacsoandes.edu.ec/interculturalidad/wp-content/uploads/2012/01/Interculturalidad-estado-y-sociedad.pdf> > . Acesso em 20 nov 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aperfeiçoamento 40, 45, 46, 72

Aprendizagem complexa 78, 79

B

Brasileiro nativo 144

C

Cariri Cearense 128, 129, 130, 133, 134, 139

Conquista 1, 5, 17, 144, 145, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 174

D

Decolonialidade 128, 132, 133, 142, 144, 145, 151, 155

Diretrizes curriculares nacionais 52, 53, 56, 65, 66, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77

Diversidade de gênero 163, 166

Diversidade sexual 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 29, 30, 35, 40, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 62, 63, 65, 68, 71, 72, 75, 76, 78, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 118, 120, 121, 141, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 176, 200, 211, 220, 221, 239, 246, 276

Ensino de psicologia 52

Erveiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 140, 141

Escola 4, 9, 14, 19, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 38, 58, 75, 100, 102, 160, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 192, 244, 257, 274, 275

Estudantes 4, 15, 22, 28, 30, 31, 38, 62, 71, 78, 79, 110, 114, 167

F

Formação 1, 3, 4, 5, 10, 11, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 97, 98, 100, 103, 105, 108, 114, 115, 130, 138, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 163, 169, 171, 186, 189, 194, 196, 204, 207, 210

Formação do psicólogo 52, 54, 57, 63, 72, 76, 77

H

Homofobia 168, 169, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178

I

Identidade 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12, 15, 16, 25, 26, 28, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 68, 99, 103, 105, 126, 131, 133, 134, 176, 182, 183, 187, 188, 189, 191, 192, 210, 265

Identidade docente 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12

Imaginário 28, 34, 35, 36, 38, 39, 147, 158, 159, 160, 161, 168, 195, 260, 261, 263, 264, 267, 271, 273, 275

Inclusão 15, 17, 40, 43, 47, 50, 51, 109, 111, 124, 166, 167, 175, 215

M

Modalidade à distância 1

N

Narrativas 28, 31, 34, 104, 108, 136, 140, 145, 149, 151, 154

P

Parteiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 137, 139, 140, 142

Pensamento complexo 79

Políticas 163, 166

População LGBTQ+ 173

Processo 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 19, 20, 28, 35, 36, 37, 42, 48, 50, 53, 58, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 79, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 112, 116, 117, 123, 128, 129, 131, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 154, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 180, 188, 191, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 205, 214, 216, 217, 218, 219, 246, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 262, 267

Psicologia 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 115, 178, 218, 220

R

Reconfiguração 1, 3, 4, 11, 101

Rezadeiras 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

S

Selfie 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38

T

TIC 2, 12, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Trabalho docente 1, 2, 3, 8, 10, 12, 13, 14

U

Universidade Venezuelana 79

Universitários 22, 78, 79, 100, 167

V

Violência 150, 151, 154, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 197, 252, 253

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2020

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2020